

Convidados por Deus a caminhar ao longo do El Camino Real e ganhar um capital espiritual... que durará para sempre!

Uma antiga estrada real espanhola liga as vinte e uma missões franciscanas da Califórnia, que se estendem desde a Missão de San Diego de Alcalá, em San Diego, a sul, até à Missão de San Francisco Solano, em Sonoma, a norte. A estrada tinha um nome único, se não mesmo interessante: El Camino Real. El camino real pode ser traduzido livremente para o inglês como "o caminho real". Este caminho tornou-se para mim um símbolo da peregrinação que continuo a "percorrer" na minha vida quotidiana. Depois de ter feito a experiência de caminhar no Caminho Ignaciano, senti-me convidado a viver os frutos dessa peregrinação na "vida real". Por outras palavras, fui convidado por Deus a percorrer o caminho real.

Ouçó muitas vezes as pessoas dizerem, depois de uma experiência como uma peregrinação a locais sagrados, que quando regressam a casa, a vida continua como sempre. Parecem dar a entender que a vida continua a ser a mesma de antes de embarcarem na viagem. Tenho tendência para pensar que, embora o sentimento de mesmice possa existir, Deus trabalha continuamente o peregrino enquanto ele vive a sua vida quotidiana após as experiências espirituais da peregrinação. Quando se regressa à "vida real", Deus continua a atuar nos seus caminhos misteriosos enquanto o peregrino caminha no "el camino real". A peregrinação continua no íntimo do peregrino, consciente (ao reviver as recordações e as graças recebidas na peregrinação) ou inconscientemente. Deus actua no coração do peregrino chamando-o a uma conversão contínua. Só Deus pode dizer que espírito novo se vai formando no íntimo do peregrino.

A primeira pergunta que me veio à cabeça quando embarquei no Caminho no verão de 2015 foi: para que serve peregrinar? A minha principal razão para peregrinar ao longo do Caminho Ignaciano era ganhar aquilo a que Santo Inácio de Loyola chama, nas Constituições, "capital espiritual" que me permitiria crescer no amor de Deus. Com este capital espiritual, seria capaz de estar ao serviço dos outros. Descobri que o Caminho era uma forma de me esvaziar para estar disponível para os outros. Era uma caminhada de cura que me permitia ser livre para servir.

Trouxe para o Caminho algumas questões da minha vida que queria conversar com Deus e com os outros enquanto caminhava. Senti-me apoiada e ouvida por Deus e pelos meus companheiros peregrinos enquanto caminhávamos juntos. Senti-me fortalecida e amada tal como sou, um ser humano imperfeito, mas chamado a ser cristão.

No final do Caminho, senti uma sensação de cura e o amor de Deus a permear a minha consciência. O Caminho não foi apenas uma aventura turística, mas foi uma viagem para o exterior que conduziu a uma transformação interior que continua ao longo da minha vida. A transformação espiritual estava a acontecer lentamente, por vezes até de forma indiscernível, no meu coração e no coração dos outros peregrinos. Enquanto caminhava no calor do verão espanhol, lembrava-me continuamente de confiar que era Deus que estava a trabalhar em mim, mesmo quando não sentia a sua presença.

O Caminho aprofundou o meu amor por Santo Inácio devido às experiências em primeira mão dos lugares onde o Santo viveu os seus anos de formação. Enquanto caminhava em Loyola, Montserrat e Manresa, fui permeado pelo espírito de Santo Inácio de uma forma radical. No final da peregrinação, senti um profundo desejo de intimidade com Deus, tal como Santo Inácio sentiu ao percorrer este caminho séculos antes. Aprendi muitas coisas sobre mim, sobre Santo Inácio e sobre Deus enquanto caminhava. Senti que Deus caminha sempre comigo na companhia dos meus companheiros peregrinos cristãos. O caminho cristão, tal como a peregrinação a pé, não é fácil; há altos e baixos, mas o importante é continuar.

A peregrinação ajudou-me a aprofundar a minha confiança na providência de Deus. Todas as manhãs, acordávamos sem saber o que íamos encontrar pela frente, mas tínhamos sempre a esperança de que nos estávamos a aproximar de Deus ao longo do caminho. As setas cor de laranja e as placas verdes eram o nosso guia. As setas apontavam para onde devíamos ir e nós confiávamos que estas setas nos levariam na direção certa. Estas setas simbolizavam as pessoas da minha vida que caminharam comigo, ajudando-me a descobrir a vontade de Deus na minha vida. O nosso guia, P. José Lluís Iriberry, foi uma dessas pessoas. A sua disponibilidade para a sua missão de guia dos peregrinos, o seu amor e a sua bondade para conosco conduziram-nos a Deus. Ao refletir sobre esta experiência, senti-me desafiada a ser uma seta que aponta os outros para a direção certa: para aquilo que Deus quer que eles sejam. Dei graças a Deus por ter enviado para a minha vida pessoas que, com a sua vida de fé, me ajudaram a seguir o caminho cristão.

Durante a peregrinação, houve alturas em que nos enganámos nas setas e ficámos perdidos durante algum tempo. Nessas situações, o P. Iriberry seguia uma pessoa ou um grupo que se tinha perdido e trazia-os de volta ao caminho. Também esta era uma imagem forte da nossa vida cristã. Por vezes, podemos perder de vista o nosso

caminho cristão, mas Deus continua a procurar-nos e traz-nos de volta à direção certa. Ao refletir sobre isto, lembro-me da parábola da ovelha perdida, em Lucas, capítulo 15, em que o pastor deixa o grande rebanho de ovelhas e sai do seu caminho para procurar uma ovelha perdida, trazendo-a de volta, talvez carregando-a ao ombro.

A vida frugal que levámos ao longo da peregrinação levou-me também a valorizar a providência de Deus e a ser solidário com os pobres. Nos albergues em que ficámos ao longo do Caminho Ignaciano, tivemos de partilhar as comodidades mínimas disponíveis. Essa vida frugal chamou-me a atenção para o individualismo em que me tinha tornado. A necessidade de partilhar as coisas que recebi de Deus foi um convite que recebi ao longo do Caminho. Ser solidário com os pobres e partilhar o que tenho foi uma lição que aprendi enquanto caminhava. Não tenho de dar nada de grande aos pobres, por vezes a minha presença no meio deles é o que Deus deseja, mais do que bens materiais.

A experiência de rezar juntos todas as manhãs e noites durante a missa foi significativa. Todas as manhãs, caminhávamos duas horas em silêncio, meditando sobre um tema dos *Exercícios Espirituais* que nos tinha sido apresentado no início do dia. Nesse silêncio, senti-me profundamente unida a Deus e aos meus companheiros de caminhada. Uma noite, decidimos caminhar em silêncio, rezando cada um o Exame de Consciência. Enquanto caminhava ao lado de um colega peregrino, senti a presença de Jesus no meu companheiro. Essa experiência levou-me a refletir sobre a caminhada de Jesus com os discípulos de Emaús, em Lucas 24,13-35. Por vezes, é difícil reconhecer a presença de Jesus nas nossas experiências quotidianas até que os nossos olhos se abram através da reflexão e da oração. Senti-me chamado a uma intimidade mais profunda com Jesus através da oração enquanto caminhava naquela noite. Jesus caminha sempre connosco, mesmo nos momentos difíceis em que não sentimos a sua presença.

Havia uma boa atmosfera de comunidade entre os peregrinos. Apesar de sermos de origens culturais diferentes, as pessoas cuidavam umas das outras e estendiam a mão àqueles do grupo que precisavam de apoio. Éramos de facto "amigos no Senhor", como os primeiros companheiros jesuítas se designavam. Esta é a mesma amizade que se pode ver em Samwise Gamgee e Frodo Bagins na sua peregrinação na trilogia de J.R.R. Tolkien *O Senhor dos Anéis*. Em todos os momentos, Sam e Frodo permaneceram juntos. A viagem cristã é uma viagem de amizade; faz-se o maior número possível de amigos ao longo do caminho.

Embora houvesse diferentes perspectivas levantadas pelas pessoas do nosso grupo de peregrinação, que poderiam facilmente dividir o grupo, havia ainda um sentimento de compreensão e de seguir em frente com uma missão comum como cristãos. Todos nós precisamos de uma comunidade para florescer. Imagino que caminhar como peregrino solitário teria sido mais difícil. A comunidade é um meio no qual encontro alegria e realização. Foi no contexto da minha comunidade de peregrinos que experimentei o amor e o cuidado de Deus por mim. Essa comunidade ensinou-me a estar disponível e a cuidar dos outros também.

Comer juntos foi outro símbolo poderoso durante o Caminho. Lembro-me de um dia em que tínhamos andado muitos quilómetros sem encontrar uma sombra onde pudéssemos descansar e comer. De repente, deparámos com um pequeno abrigo para animais numa quinta. Aquela casota tornou-se uma bênção para nós. Entrámos debaixo dela e começámos a comer ali o nosso almoço, sem pensar no aspeto sujo do lugar. O que era importante para nós era que estávamos unidos em Deus e que estávamos todos a caminhar na mesma direção. Comer juntos fez-nos criar laços de amor. À medida que a peregrinação prosseguia, apercebi-me de que nos sentíamos cada vez mais à vontade uns com os outros, especialmente durante as refeições. A Eucaristia foi também um outro "momento de comer" que nos uniu profundamente. Há vários provérbios africanos que sublinham a importância de comer juntos como forma de construir a comunhão. Por exemplo, há um que diz: "aqueles que comem juntos nunca se comem uns aos outros"!

A diversidade de perspectivas culturais no nosso grupo de peregrinação também me ajudou a apreciar a nossa humanidade. O nosso grupo era composto por peregrinos de Espanha, Vietname, Filipinas, México, Quênia e Estados Unidos da América. Todos nós fomos reunidos como filhos de Deus numa viagem comum. Apesar da diversidade do mundo, todos os seres humanos são criados à imagem de Deus. A nossa dignidade é-nos concedida por Deus e é por isso que estamos todos juntos na caminhada cristã. Somos todos povo de Deus, independentemente da nossa raça ou género. Isto não significa que a nossa diversidade deva ser esquecida; celebrámos as perspectivas culturais uns dos outros ao partilharmos as histórias das nossas vidas no caminho. A hospitalidade uns para com os outros, mesmo quando éramos diferentes, foi uma marca da nossa peregrinação, e isso ajudou-me a discernir como ser hospitaleiro com os outros, especialmente com os estrangeiros e os pobres.

A peregrinação também envolveu sofrimento: caminhar com temperaturas elevadas, longas distâncias a que não estava habituado, bolhas, joelhos doridos, roubo de algumas das nossas bagagens, etc. A maior parte das caminhadas que fizemos no Caminho foi em ambientes desérticos. Isto fez-me lembrar as tentações de Jesus no deserto em Mateus 4:1-11. Foi uma experiência de luta para a minha alma, da qual emergiria uma nova identidade, pela graça de Deus. Esta experiência no deserto foi necessária para a minha lenta conversão à pessoa que Deus quer que eu seja. O Caminho recordou-me que, mesmo quando sou tentado a desistir da minha peregrinação cristã, não devo ceder à tentação, mas continuar a percorrer o caminho em direção a Deus.

Através da experiência de sofrer a dor de caminhar no deserto, identifiquei-me com Jesus crucificado, pendurado na cruz. A miséria e a dor recordaram-me que sou apenas humano e que o sofrimento faz parte da minha

vida humana. A minha atitude perante o sofrimento mudou durante o Caminho. Tive a sensação de que, mesmo quando passava por aquele sofrimento, continuava a sentir-me unido a Jesus e aos outros companheiros com quem caminhava. Não sofro sozinho, sofro com os outros. Estava a sofrer, mas também tinha um profundo sentimento de alegria.

O sofrimento a que estava a ser submetido era uma espécie de purificação que devia fazer de mim uma pessoa melhor na vida. Era um convite para ir para o deserto, para longe do conforto do quotidiano, onde poderia encontrar Deus de uma forma radical. O sofrimento não é necessariamente negativo: do sofrimento podem resultar coisas boas. Depois da morte, há sempre a esperança da ressurreição.

As feridas que eu tinha sofrido na minha vida até ao momento da peregrinação eram continuamente curadas à medida que eu caminhava na presença dos outros e de Deus. Senti-me chamado a ser um "curador ferido", um instrumento de reconciliação e de serviço aos necessitados, os *anawim*. Como cristãos, estamos todos feridos de uma forma ou de outra, mas caminhando juntos e apoiando-nos mutuamente no caminho, podemos curar as feridas uns dos outros.

O tema do sofrimento permaneceu comigo ao contemplar a fachada da Paixão da Basílica da Sagrada Família, em Barcelona, com as suas imagens horríveis da paixão de Jesus, e senti-me unido a Jesus enquanto ele sofria na cruz. Isto fez-me recordar a terceira semana dos *Exercícios Espirituais*, onde o retirante contempla a paixão de Cristo pedindo "[...] a dor com a dor de Cristo, a angústia com Cristo angustiado, lágrimas e dor profunda por causa da grande aflição que Cristo suporta por mim" (*Exercícios Espirituais* n.º 203). Ao recordar os caminhos difíceis do Caminho, onde quase desisti por causa da dor física, vejo agora como Deus continuou a dar-me esperança e força para continuar, tal como faz na minha vida cristã. Eram momentos em que eu estava a ser purificado pelo sofrimento que me levaria à ressurreição.

A peregrinação fez-me aproximar mais de Nossa Senhora. Visitámos muitas capelas de Nossa Senhora e vimos muitos retratos e estátuas dela ao longo do caminho. Ela foi uma companheira constante para nós ao longo do caminho. A sua companhia ajudou a aumentar a minha devoção e amor pela mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sentia a sua proteção e a sua orientação ao longo da caminhada. Rezámos o terço e cantámos hinos marianos em várias ocasiões.

Dois factos, que ilustram a caridade cristã, ficaram-me profundamente gravados na memória. No caminho de Montserrat para Manresa, sob uma temperatura muito elevada, um peregrino não conseguia aguentar a difícil caminhada. O seu companheiro ofereceu-se para carregar o peregrino cansado. Para mim, isso foi uma imagem de como Deus nos ajuda ao longo do caminho cristão, quando passamos por provas e tentações. Noutro ponto da viagem, alguns outros peregrinos tinham ficado para trás durante muito tempo. O grupo da frente perguntava-se o que se passava, mas continuava à espera. Dois peregrinos ofereceram-se para voltar a correr e verificar o que se passava com os outros peregrinos. Ofereceram-se para os ajudar a carregar as suas bagagens, para aliviar o fardo daqueles peregrinos cansados. Deus cuida de nós da mesma forma. Ele carrega para nós a bagagem pesada que levamos para que possamos caminhar com facilidade. Isto fez-me lembrar Mateus 11:28, onde Jesus diz: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei".

As incidências de generosidade dos peregrinos para com outros peregrinos em sofrimento foram um desafio para mim. Perguntei-me constantemente: como é que eu cuido daqueles que precisam da minha ajuda? Será que me esforço para ajudar os necessitados? Estas são questões sobre as quais continuarei a refletir ao longo da minha vida cristã. A hospitalidade para com os outros é um tema que aprendi durante a peregrinação. Os *hospitais* dos albergues onde nos alojámos ensinaram-me em primeira mão como cuidar dos outros, mesmo que não os conheça. A palavra "*hospitalero*", que designa qualquer pessoa hospitaleira ou qualquer pessoa encarregada de cuidar de outra, cativou-me porque implica *Cura Personalis*, o cuidado pessoal das pessoas com quem entramos em contacto. Durante a peregrinação, senti que Deus me chamava a ser um verdadeiro *hospitalero* para as pessoas que encontro ao longo do meu caminho de peregrinação.

A peregrinação também me ensinou a cuidar do ambiente. As altas temperaturas que sentimos enquanto caminhávamos deveram-se em parte ao aquecimento global causado pelas actividades humanas que provocam a degradação do ambiente. A água foi outra questão ambiental que foi trazida à minha consciência de uma nova forma enquanto caminhava pelo Caminho. O meu apreço pelo valor da água foi levado a um novo nível à medida que percorríamos o Caminho de Santo Inácio. Tínhamos de levar água suficiente para passar o dia. Até então, eu não tinha percebido a sorte que tinha por ter água à minha disposição a toda a hora. Ao caminhar com quantidades limitadas de água, senti-me solidário com as pessoas que vivem as suas vidas com pouca ou nenhuma água.

Enquanto caminhava ao calor com um abastecimento mínimo de água, senti-me desafiado a ser um administrador dos recursos ambientais que Deus nos concedeu, tal como o Papa Francisco encoraja todas as pessoas de boa vontade na sua encíclica *Laudato si*. O ambiente é uma dádiva de Deus que necessita de proteção humana para sustentar a vida humana. Tudo o que Deus criou na terra é bom (I Timóteo 4:4) e, como filhos de Deus, é nosso dever preservar essa bondade. Senti que a preservação do ambiente começa por mim. É através do meu exemplo de boas

práticas ambientais que poderei influenciar outros a fazerem o mesmo. É um apelo pessoal para o qual Deus me convidou de uma forma radical, enquanto eu caminhava sob aquele calor e sentindo sede.

Ao percorrer o Caminho de Santo Inácio, encontrámos continuamente setas amarelas que apontavam para Santiago de Compostela, enquanto as setas cor de laranja que seguíamos apontavam para Manresa. Isto tornou-se para mim a imagem dos santos, neste caso o Apóstolo Santiago e Santo Inácio de Loyola. Os santos apontam-nos para Deus, mas de formas diferentes. Viveram as suas vocações em lugares e tempos diferentes. Seguiram caminhos diferentes em direção a Deus, mas, no final, estavam unidos a Deus através dos seus diferentes caminhos. Isto recordou-me que, mesmo quando as vocações são múltiplas, todos os cristãos estão apontados na mesma direção para Deus.

Os caminhos que tomamos ao seguirmos os nossos diferentes percursos vocacionais não têm importância, desde que estejamos todos a caminho de Deus. Isto levou-me a refletir sobre as relações entre os leigos e o clero na Igreja. A tentação do clericalismo e do abuso de poder em detrimento da Igreja é real. Rezei para poder continuar a apreciar o papel dos leigos na Igreja e evitar as tentações do clericalismo, uma vez que as vocações laicais e clericais são duas faces da mesma moeda. Tanto os clérigos como os leigos pertencem ao mesmo povo de Deus que os chamou para os seus caminhos vocacionais correspondentes.

Ao longo da nossa peregrinação, encontrámos muitas igrejas com arquitetura diversificada e outras peças de arte. Essas representações artísticas barrocas, românicas, góticas e modernas eram símbolos através dos quais Deus comunicava às mentes humanas finitas a sua presença e o seu amor por nós. Através dessas representações feitas pelo homem, pudemos ter um vislumbre de Deus e do seu amor pela humanidade. A arte tornou-se um canal através do qual os nossos corações foram agitados e elevados em direção a Deus, cuja beleza ultrapassa tudo o que o ser humano pode conceber. À medida que prosseguíamos a nossa peregrinação, íamos também aprendendo a história e a cultura europeias, para além dos frutos espirituais que colhíamos da peregrinação.

Três meses depois do Caminho Ignaciano, alguns peregrinos reuniram-se para partilhar como Deus tinha continuado a caminhar com eles na sua vida quotidiana ou como Deus tinha continuado a caminhar com eles no "verdadeiro Caminho" (el camino real). Fiquei cheio de alegria e admiração pela forma como Deus continuava a manifestar a sua presença na vida dos meus companheiros peregrinos. Continuamos a caminhar juntos, nas nossas diferentes vocações, mas com a mesma visão: em direção a Deus. Continuamos a ser solidários uns com os outros, mesmo depois de meses de peregrinação. A nossa companhia no caminho, guiada por Santo Inácio e por Cristo, continua ao longo das nossas vidas. Enquanto estava ali sentado a ouvir os outros partilharem as suas viagens, apercebi-me que aquilo em que tínhamos embarcado três meses antes era uma viagem para toda a vida. Cresceremos sempre juntos no amor de Deus, onde quer que Deus nos envie na nossa missão quotidiana de evangelização.